

A Teoria do Discurso e sua Recepção no Brasil: um rápido balanço até aqui

Daniel de Mendonça

Universidade Federal de Pelotas

Tortuosos têm sido até aqui os caminhos percorridos pela teoria do discurso no Brasil, particularmente aqueles traçados no âmbito da Ciência Política. As causas são múltiplas, sobredeterminadas por diversos fatores, sendo esses difíceis de aqui precisar. Ainda que as causas específicas que tornaram penosos os primeiros passos da teoria de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe em nosso país não possam talvez ser adequadamente apontadas, acredito que as condições de emergência para essas dificuldades nos dão pistas valiosas.

A hegemonia da Ciência Política brasileira é liberal, influenciada sobejamente pela disciplina análoga estadunidense. Em franca decadência, já há algum tempo, o polo antagônico dos liberais brasileiros é/era exercido pelas diversas tradições marxistas. Sejam liberais, sejam marxistas, o fato é que o cenário político de nossa disciplina era – e continua sendo, certamente – extremamente árido para o desenvolvimento da teoria do discurso, crítica de ambas as tradições. Ademais, até hoje os termos pós-estruturalismo e pós-fundacionalismo são pouco discutidos por aqui, não somente pelas dificuldades teóricas e filosóficas que eles carregam para aqueles que neles se aventuram, mas, principalmente, pelo fato mais básico de que o liberalismo e o marxismo são, eles mesmos, empreitadas teóricas fundacionais. Sendo fundacionais, a primeira tarefa de liberais e de marxistas é a de fechar as portas para correntes teóricas que questionam a validade dos fundamentos sociais e políticos que eles tanto se agarram.

A teoria do discurso teve, portanto, de florescer entre as ranhuras do cimento dessa disputa entre liberais e seus críticos, entre as falhas dessas pedras assentadas, já dando a primeira demonstração de seu potencial heurístico herdado da tradição pós-estruturalista, ou seja, não há fundamento ou projeto político que não seja passível de revisão e de crítica; não há cenário intelectual permanentemente estável.

O interessante nesse florescimento teórico é que ele somente foi possível pelo fato de que a teoria do discurso não é uma teoria política, no sentido estrito da Ciência Política. Trata-se de uma teoria do político, aplicável aos mais diversos campos do conhecimento, como os artigos deste número especial da Revista Sul-Americana de Ciência Política nos demonstram.

A distinção entre a política e o político é outra seara complicada de ser compreendida. O objeto da política, o objeto da Ciência Política, é o poder do/no/em direção ao Estado, de modo que poderíamos dizer que se trata de uma Ciência do Estado. Assim, os objetos de pesquisa neste campo visam primordialmente o conhecimento e a normatividade direcionados às instituições estatais e àquelas diretamente ligadas à disputa pelo poder político *stricto sensu*.

Já o político tem uma abrangência mais ampla e não restrita, portanto, ao Estado. Trata-se do momento da decisão política, mas uma decisão que pode se referir ou ao Estado ou estar além deste,

uma vez que o social e o poder são dimensões mais abrangentes do que a estatal. Assim, a teoria do discurso, como uma teoria do político, ingressou no Brasil não somente – nem tampouco primordialmente – pela Ciência Política, mas através das mais diversas disciplinas científicas.

Nesse sentido, se a teoria do discurso fosse uma teoria política em sentido estrito, talvez pudéssemos encher os dedos de uma mão, quiçá de duas, contando o número de seus interessados em nosso país. A razão, como já afirmei há pouco, tem certamente a ver com a hegemonia do liberalismo político entre os cientistas políticos brasileiros e a falta quase completa de interesse pelo pós-estruturalismo entre esses mesmos pesquisadores. Tal postura, aliada à resistência dos marxistas de receberem a teoria laclauniana em sua fase pós-estruturalista como uma abordagem aceitável para o campo da esquerda, ocasionou, por exemplo, o atraso de exatos trinta anos para que a tradução de *Hegemony and Socialist Strategy: Towards a Radical Democratic Politics* fosse finalmente publicada no Brasil¹.

E isso não aconteceu somente com a obra reconhecidamente mais importante de Laclau – escrita em colaboração com Mouffe – mas com todos os livros publicados pelo autor após *Hegemony and Socialist Strategy* e que representam a sua fase pós-estruturalista e pós-marxista. Só para termos uma medida de comparação, o seu primeiro livro, *Politics and Ideology in Marxist Theory: Capitalism, Fascism, Populism*, publicado em inglês, em 1977, pela editora New Left Books, uma obra marcadamente marxista de corte althusseriano, teve a sua tradução brasileira lançada apenas dois anos após pela Editora Paz e Terra (Laclau, 1979).

Há, além de *Hegemony and Socialist Strategy*, mais duas obras da fase pós-estruturalista de Laclau que foram publicadas no Brasil. *Emancipation(s)*, lançada em inglês pela Verso (Laclau, 1996), cuja tradução, em 2011, pela Editora da UERJ, só foi possível graças a um esforço de pesquisadoras e pesquisadores brasileiros, interessados na temática, que traduziram os capítulos desta obra, esforço coordenado por Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo, ambas docentes no Programa de Pós Graduação em Educação, da UERJ. *On Populist Reason*, publicado originalmente em inglês pela Verso (Laclau, 2005), foi traduzido no Brasil pela Editora Três Estrelas (Laclau, 2013). No entanto, há ainda diversas ausências de traduções de publicações do autor – especialmente a de *New Reflections on the Revolution of Our Time* (Verso, 1990) e a de sua obra póstuma, *The Rhetorical Foundations of Society* (Verso, 2014), além de ser inexistente qualquer tradução brasileira de livros escritos por autoras e autores da chamada teoria do discurso da Escola de Essex².

Além das traduções dos livros de Laclau, outros esforços têm sido realizados para a difusão de sua obra no Brasil. Para poupar a leitora e o leitor de uma lista enfadonha de títulos e de ações, destaco apenas dois desses esforços, sabendo que, neste momento, serei injusto com diversas iniciativas e trabalhos que, mesmo consciente de suas relevâncias, infelizmente, deixarei de mencionar.

O primeiro foi a publicação pioneira, em 2008, pela Editora da PUCRS, da coletânea “Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau”, especificamente dedicada à teoria do discurso, a qual tive o privilégio de ser um dos organizadores, juntamente com o colega, Léo

¹ A publicação da obra, originalmente em inglês, pela editora Verso, ocorreu em 1985 e a belíssima tradução de Joanildo Albuquerque Burity, Josias de Paula Jr. e Aécio Amaral foi publicada pela Editora Intermeios (Laclau e Mouffe, 2015).

² Teoria do discurso da Escola de Essex é outra designação para abordagem laclauniana. A razão é simples: foi na *University of Essex*, no Reino Unido, que Ernesto Laclau desenvolveu sua teoria e onde ele também criou e coordenou o Programa de Pós-Graduação em *Ideology and Discourse Analysis*, o qual tem recebido estudantes e pesquisadores do mundo todo interessados nos estudos políticos pós-estruturalistas lá desenvolvidos.

Peixoto Rodrigues (Mendonça e Rodrigues, 2008/2014). Esta obra já conta com a sua segunda edição, revisada e ampliada, lançada pela mesma editora em 2014.

O segundo é o “Simpósio Pós-Estruturalismo e Teoria Social”, evento realizado a cada dois anos e que, em maio de 2019, está prevista a sua terceira edição. Trata-se de um esforço compartilhado pelos Programas de Pós-Graduação em Ciência Política e em Sociologia, da Universidade Federal de Pelotas, e executado pelo Grupo de Pesquisa Ideologia e Análise de Discurso ligado à mesma Universidade.

Os textos reunidos neste número especial da Revista Sul-Americana de Ciência Política demonstram com profundidade as mais diversas direções que a teoria do discurso pode tomar. São textos teoricamente densos e empiricamente informados. Resultam justamente da conjunção sempre requerida por Laclau entre o que chamamos de teoria e prática, uma vez que, para o autor, qualquer separação entre ambas não passa de uma “operação artificial” (Laclau, 1994, p. 2). Toda teoria sem uma prática que a informe – e que também seja capaz de mostrar as suas próprias limitações – é estéril e inadequada ao movimento do mundo, à realidade política e às transformações sociais em direção da radicalização da democracia, projeto teórico e político tão perseguido por Laclau. Para o filósofo argentino, uma teoria só faz sentido se ela tiver como compromisso ético a transformação do social em um ambiente mais democrático e justo.

Referências

- LACLAU, Ernesto. *Politics and Ideology in Marxist Theory: capitalism, fascism, populism*. London: New Left Books, 1977.
- LACLAU, Ernesto. *Política e Ideologia na Teoria Marxista: capitalismo, fascismo, populismo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- LACLAU, Ernesto. *New Reflections on the Revolution of Our Time*. London: Verso, 1990.
- LACLAU, Ernesto. Introduction. In: _____ (Ed.) *The Making of Political Identities*. London: Verso, 1994.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipation(s)*. London: Verso, 1996.
- LACLAU, Ernesto. *On Populist Reason*. London: Verso, 2005.
- LACLAU, Ernesto. *A Razão Populista*. São Paulo: Três Estrelas, 2013.
- LACLAU, Ernesto. *Emancipação e Diferença*. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2011.
- LACLAU, Ernesto. *The Rhetorical Foundations of Society*. London: Verso, 2014.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemony and Socialist Strategy: towards a radical democratic politics*. London: Verso, 1985.
- LACLAU, Ernesto; MOUFFE, Chantal. *Hegemonia e Estratégia Socialista: por uma política democrática radical*. São Paulo: Intermeios, 2015.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 1ª ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2008.

MENDONÇA, Daniel de; RODRIGUES, Léo Peixoto. *Pós-Estruturalismo e Teoria do Discurso: em torno de Ernesto Laclau*. 2ª ed. Porto Alegre: EdIPUCRS, 2014.

Daniel de Mendonça (ddmendonca@gmail.com) é Doutor em Ciência Política pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul e professor do Programa de Pós-Graduação em Ciência Política da Universidade Federal de Pelotas (UFPel).